



Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Sede de vida

A Obra da Rua não é uma obra social. Na sua génese e no seu viver é uma Obra da Igreja, portanto Obra que se inspira, alimenta e vive do Evangelho. Porque obrigatoriamente enquadrada na organização social, onde age, optou por seguir a figura de uma IPSS.

É portanto o Evangelho que dá o Ser e o Agir à Obra da Rua. Ele é o causador do nascimento desta Obra e a garantia da sua permanência no tempo. Os seus obreiros não são simples empregados, mas homens e mulheres vocacionados, que uma vez chamados por Jesus Cristo que passa na história humana, se dispõem a dar-lhe a sua vida, sem condições nem limites, com suas próprias condicionantes e imperfeições. Eles que são «o que é fraco, segundo o mundo» e «que Deus escolheu para confundir o que é forte».

Com as mudanças sociais, que com o tempo se vão sucedendo, é normal que se queiram generalizar as normas e costumes de cada tempo. Mas o Evangelho não está sujeito a sofrer mudanças pelas modas, Ele é sal e luz, por si mesmo, para cada época. Não é Ele que precisa de ser salgado e iluminado. Por isso, uma obra que se acomode à normalidade social, que não seja sal e luz, «não serve para mais nada, senão para ser lançado[a] fora e ser pisado[a] pelos homens».

O Evangelho é a fonte de vida das Obras da Igreja. São de todos os tempos os momentos de vida ou de morte, de rejuvenescimento ou de letargia, mas em momento nenhum qualquer deles teve a exclusividade. Em todos os tempos houve santos, houve sempre quem escutasse o chamamento e correspondesse. Também hoje continua a fazer-se ouvir o apelo: «Quem quiser salvar a sua



Beire, em frente à Capela

vida, perde-la-á, mas quem perder a sua vida por Minha causa, salva-la-á». Dá a resposta e segue o caminho quem acredita. Estes são o fermento que leveda toda a massa.

A Obra da Rua vai por aqui. Tem de continuar a sacudir tudo aquilo que se lhe queira agarrar que não é sal. Daí as dificuldades, incompreensões e perseguições que não são intransponíveis, mas que lhe são inerentes.

É assim que quem quiser ir por aqui, chamado à vivência do Evangelho ao pé da letra, acompanhado das suas virtudes e defeitos, tem este caminho que Pai Américo iniciou, percorreu e deixou aberto para o exercício da paternidade ou maternidade para com os Pobres, rapazes, doentes e famílias.

Este é o tempo e o momento favorável para responder. Não é preciso subir ao céu ou descer ao abismo para escutar o apelo e tomar a decisão. Ele faz-Se ouvir, escondido é certo, naqueles em quem quer ser servido.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Por mais paradoxal que isso se nos afigure, toda a obra social que tenha de trabalhar para comer dia-a-dia, é rica. Se vive das suas rendas, pode vir a morrer de fome.

PAI AMÉRICO, *Doutrina*, 2.º vol., 1.ª ed., 1977, pg 195.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O grito de uma casa para cada família é mais velho do que a maléfica e terrível indiferença actual.

Pai Américo deu-lhe um eco próprio e um tom incomodativo a tanta gente, empresas e sociedades que o ajudaram a criar o património dos pobres e este a incutir nos responsáveis a constituir governos com a obrigação de favorecer uma casa para cada família portuguesa.

Ainda hoje, há muitas, centenas e centenas de famílias que se não existisse o património dos pobres ou melhor se não houvesse muitos corações que se deixam tocar nas suas consciências e viver o *paradoxo* da pobreza real, dando aos pobres o que lhes falta, não só o que lhes sobra. Para os sucessivos governantes e legisladores, a pobreza em Portugal é quase uma **fatalidade invencível** e o pouco trabalho e despesa são devorados mais pela propaganda do que pelo empenho.

Vem agora o responsável pela Caritas Diocesana de Braga pôr em cheque a falta de casas para as famílias daquela diocese, afirmando junto do público que, 10% das famílias naquela zona vivem em condições de sobre-locação, quero dizer, uma casa para duas ou mais famílias devido à falta de recursos.

Não sei se é possível viver-se numa situação destas sem que surjam proble-

Continua na página 3

MALANJE

O nosso Centro de Formação Profissional Básica não vai dar início neste ano lectivo por diferentes motivos. Fundamentalmente porque ainda não conseguimos reunir os meios para o apetrechamento do mesmo. Continuamos a bater às portas de todos aqueles que tenham a boa vontade de colaborar e poder inaugurá-lo ao longo do ano lectivo, dando alguns cursos e, no próximo ano, como Centro de Formação Profissional Básica.

No próximo dia 24 o nosso seminarista Paulo viajará para Lisboa com o objectivo de dar sequência à sua formação sacerdotal e preparar-se para no futuro ser padre da rua. Esta chegada de seminaristas é um grande desafio para os padres do gaiato no sentido de preparar as condições para que encontre entre nós uma verdadeira fraternidade sacerdotal e um modo específico de viver o seu ministério como sacerdotes diocesanos.

Lembrome quando era padre no meu primeiro destino de um membro da equipa pastoral que atendíamos as mais de 16 aldeias chamado Serápio. Um cristão formado e comprometido que nas celebrações da palavra interpelava a comunidade com este exemplo: Os cristãos dificilmente entendemos o que quer dizer ser cristão e como vivê-lo no meio da sociedade, porque andamos com o fato da primeira comunhão e é muito apertado, devemos fazer um fato para adultos e isso passa por formarmos e dialogar com a sociedade que nos toca viver.

Hoje ouvimos muitas interpelações do Papa Francisco a toda a Igreja: estar em caminho, tenda de campanha, dialogante, misericordiosa, sinodal. A realidade é que na hora de concretizar e pôr em prática, a maioria de nós não queremos sair de nossa quadrícula, de nosso curto olhar. Os desafios que nos propõe o Papa passam pela humildade, reconhecer o nosso pecado, estender a mão ao outro, caminhar juntos. Diante do Papa Francisco a Igreja é povo de Deus o resto são vocações e ministérios ao serviço da Boa Nova.

A Obra da Rua é fazer de cada pobre uma Pessoa com maiúscula. Todo pai tem o perigo de não deixar crescer o filho. O filho torna-se homem quando o pai lhe entrega a herança para ele governar. Assim fez o pai do filho pródigo... assim deixou escrito o padre Américo... eles são os continuadores... os filhos.

Desculpem este desabafo antes de ir rezar o nosso Terço, pois é verdade que há coisas que não devem mudar... e esta é uma delas. A Nossa Mãe interceda por nós.

Padre Rafael



Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

HORTA — Os nossos legumes têm tido muito boa produtividade, têm crescido maduros e em bom estado. Agora com o excesso de calor é necessário aumentar a atenção na água depositada para que não sequem, evitando também o gasto de água, ou seja, regar o suficiente, não em excesso.

PISCINA — Como todos os anos, nesta época de Verão, a piscina é o passatempo favorito dos nossos rapazes, lá aproveitam por dar os seus mergulhos e refrescarem-se, conviverem e apanharem um solzinho com a bela vista para a nossa mata.

AZURARA 2022 — O 2.º turno está a ter férias na nossa casa de Azurara. Já se aproxima o final das férias. Porém nunca é tarde para descansar e aproveitar para ir à praia nesse curto tempo de Verão.

FURO — Tivemos alguns problemas com as nossas canalizações da água que já têm muitos anos. Também o nosso furo, que é uma reserva para algum momento em que nos falte a água, nos deu alguns problemas por ter precisamente pouco uso. No entanto, com a colaboração de todos, Mendão, Meno, António e os rapazes disponíveis, conseguimos debelar o problema e passar a contar com a água do furo para as nossas necessidades.

FEIRA DO LIVRO — Estamos presentes na Feira do Livro do Porto, que decorre de 26 de Agosto a 11 de Setembro, nos Jardins do Palácio de Cristal. Todos os livros que compõem o nosso escaparate podem ali ser encontrados, assim como tratar qualquer assunto relacionado com o nosso Jornal «O Gaiato». Faça-nos uma visita.

José Júnior

MIRANDA DO CORVO

AGROPECUÁRIA — Na primeira quinzena de Agosto, continuou o tempo quente e seco. Foi sendo regada a cultura do milho-grão, nos dois campos próximos da rotunda Pai Américo; e teve de se comprar um tubo com 100 metros, para levar água do poço novo para a terra nova. Com um tractor e a alfaia, foi descarolado o milho que estava no celeiro e encheram-se três grandes arcas e meia. Depois, o celeiro foi limpo com água; e desinfestado o sítio das arcas de milho e rações. Os cachos vão amadurecendo e as videiras novas de mesa já produziram. Fez-se outra aplicação de produtos fitossanitários nas latadas das videiras. Na nossa horta, temos apanhado tomate, pimentos e morangos. Ao lado dos dois talhões de morangueiros, foram plantados mais. No pomar, apanhámos peras. As galinhas voltaram a ir para a cerca do nosso pomar, durante o dia; e nesse terreno deitaram-se restos da debulha do milho. Precisamos de mais galinhas poedeiras. Temos muitos e lindos gatos no barraco da lenha, na zona dos animais, para apanhar ratos.

FÉRIAS DE VERÃO — Em Agosto, uma parte dos Rapazes da nossa comunidade foi visitar alguns familiares; e assim se têm mantido as ligações, importantes no regresso à família biológica. Foram avisados dos cuidados a ter nesta deslocação e das regras exigidas. Em Casa, fazemos as obrigações e outras tarefas. Com o tempo muito quente, descansámos e continuámos a mergulhar na nossa boa piscina, que tem sido tratada. Fomos aos peditórios à Figueira da Foz e passeámos junto a essa linda praia portuguesa.

ARRANJOS — Continuam a ser rebocadas as paredes (com fissuras) da escadaria antiga da nossa Casa. Foram arranjados e colocados na sala de jantar outros cortinados usados, que vieram da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Fomos buscar uns sofás de amigos, que foram para a sala de televisão dos Rapazes mais crescidos. Também nos têm dado livros e louças, que ficaram nos armários do refeitório. Bem-hajam!

VOLTA A PORTUGAL — Durante a 83.ª Volta a Portugal em bicicleta, a 10 de Agosto, estivemos atentos à passagem do pelotão de ciclistas junto à nossa Casa do Gaiato. Assim, ficámos contentes por ver os corredores a pedalar e a caravana na rotunda e Avenida Padre Américo, em direcção ao centro desta Vila, para depois subirem a Serra da Lousã até à meta da 5.ª etapa da Volta a Portugal, no Observatório do Parque Eólico de Vila Nova, em Miranda do Corvo.

PARTILHAS, CAMPANHA DE ASSINANTES E CONTACTOS — Agradecemos muito as partilhas dos nossos amigos e amigas que se têm lembrado de nós, considerando que as ajudas são muito importantes para se poderem pagar as facturas desta Casa. Bem-hajam! Lembramos com gratidão Paula Maria, de Semide, que nos visitou, antes de partir deste mundo; e pedimos a Deus que descanse em paz! Nos dias 13, 14 e 15 de Agosto, o nosso Padre Manuel (com alguns rapazes) foi celebrar várias Missas na igreja de S. Julião da Figueira da Foz, em que pregou o Evangelho de Jesus, e falou também da Causa de Beatificação de Pai Américo e da Obra da Rua. Sendo uma tradição com mais de oitenta anos, fomos muito bem recebidos pelo Sr. Prior, Padre Orlando (que veio da Lousã) — tal como aconteceu com o Sr. Padre João Veríssimo, que Deus tem — bem como pelos fiéis das diversas assembleias. Na Campanha de novos assinantes d'O GAIATO, foram inscritas: Maria Emília — Valongo; e Maria Celina — Casais do Campo (S. Martinho do Bispo — Coimbra). Muito obrigado! Contactos e mais dados desta Casa: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; IBAN — PT 50 0035 0468 00005577330 18; Número de identificação fiscal — 500 788 898; telefone — 239 532 125; correio electrónico — gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

BEIRE – Flash's

O álbum de P.º Telmo

1 A dor de o ter perdido... Ai quantas vezes, aqui em casa, viramos tudo do avesso e, outras tantas, fui com ele a Paço de Sousa passar a pente fino aquele quartito, nas águas furtadas da Casa Três! Agora vive lá o seu menino d'oiro — o Fausto. Mas era ali O Moinho de P.º Telmo, quando a falta de saúde o arrancou da nossa Casa do Gaiato de Malanje. Depois, os joelhos e as pernas começaram também a gritar que aquela escadaria já era areia demais para... Perguntou a P.º Baptista se, em Beire, estaria de vago um quartinho onde ele, em tempos... Veio. Pouco depois, foi aquela coisa triste com a S.S. Passamos todos da Casa dos Rapazes para aqui — o Calvário. P.º Telmo como nossa relíquia sagrada. A irradiar a bênção quinzenal dos seus Sinais, que sempre apontam para «mais vida e vida em abundância» — Jesus é muito nosso amigo. Ela ama-nos muito! Não O podemos esquecer.

Pela forma como falava e descrevia imagens d'o meu álbum de fotos de Picote, na construção da barragem, eu ficava a imaginar um possível livro tipo Fotobiografia de... ou de... Influência de coisas

que conheço — Fotobiografia da Água, Da Janela de Saramago.

Via o P.º Telmo desolado. Com pena mesmo que se tivesse perdido aquele pedacinho da sua via — naquele tempo... Mas, terminava sempre com um esperançoso «pode ser que ainda apareça»...

— São coisas sem interesse nenhum, dizia ele, mas eu gostava de rever aquelas fotografias. Eram todos muito meus amigos! Eu tinha um caixotinho — máquina antiga de... — que levava sempre comigo nas visitas que fazia àquelas famílias. Eles gostavam que eu lhes fizesse uma fotografia... E eu fiz um álbum — das pessoas, muitas crianças sujas a comer no chão... Muitas 'casas' de barracos alagados ou da corte do porco... P.º Telmo falava e, dentro de mim, saltava O Lodo e as Estrelas, de que consegui um exemplar, ainda em 1960, antes que a P.I.D.E. entendesse que «não deve ser autorizado a circular no País» — porque «trata-se de um livro do pior sentido social, embora seja da autoria de um padre».

2 A festa do encontro... Já não sei bem como, a tal caixa velha onde estava o velho álbum apare-

ceu. Andava, mais ou menos perdida, nas mãos do Henrique Manuel, que a terá arrumado para que talvez um dia... Agora que já era chegado o dia em que talvez..., não havia meio de se saber onde parava o álbum. Mas apareceu! Indescrevível a alegria que irradiava aquele rosto singular de «um homem que inspira paz». Entretanto, começam os telefonemas do Henrique Manuel para o seu patriarca — era já o livro em gestação adiantada.

Chegou a hora de 'ver a luz do dia'. Uma organização, em verdadeira obra de paciência e arte, com a marca já consagrada do professor Henrique Manuel Pereira: ROSTOS DE UMA BARRAGEM — o Álbum de Telmo Ferraz. E, a 31 de Julho de 2022, no Barrocal do Douro, aconteceu a 'apresentação da obra' em sessão de homenagem a P.º Telmo. Com a presença de D. José Cordeiro, Arcebispo de Braga, que, num breve mas succulento texto do livro, nos fala de "O DOM QUE É a vida e a acção de Padre Telmo". Agora revelada com mais luz, nestas páginas de ternura que nos mostram bem o empenho que a Alforria e a Frauga puseram na preparação deste velho álbum de fotos registadas no dito caixotinho... Porque, afinal, aquele 'caixotinho' era já um profético veículo daquilo que, hoje, o Papa Francisco chama de 'dinamismo evangelizador que atua por atracção'. O Álbum de P.º Telmo revela isto mesmo avant la lettre — antes que se falasse de tal...

3 As lágrimas de comoção. Era o domingo 31 de Julho. Antes de almoço, o Henrique Manuel com mais dois elementos da equipa que prepararam esta obra de arte impressa vieram almoçar connosco e levar P.º Telmo consigo ao Barrocal. Foi um agridoce descongelar páginas d'O Lodo e as Estrelas, e poder constatar que todas aquelas personagens tinham um rosto. O álbum mostra bem «as casotas que começaram a erguer-se encostadas às fragas e que, terminadas, eram cobertas com sacos de papel». «Com crianças sujas a comer no chão. Seus pais, olhando — com tristeza no olhar». Com alguns comentários de então, escritos pela pena de P.º Telmo com datas de 1953 a 1958... Tudo a somar para melhor entender porque é que a P.I.D.E., mesmo sem conhecer o álbum, entendeu que «o livro não deve circular no País». Um país que, em matéria de acção social, ainda acha que a Igreja mantém 'o pior sentido'... Ela, com Pai Américo à frente, acha que «toda acção social que não seja também acção teologal está condenada à vulgaridade das obras semelhantes». Então, tudo o que não vá na onda do incenso ao poder estatal o melhor é dificultar, até mesmo boicotar...

Gostava era de saber contar o momento em que chega o H.M. com um embrulho na mão e, na nossa presença, abre, tira um exemplar do livro, entrega-o a P.º Telmo e diz aqui tem o seu álbum... Serenamente, P.º Telmo começa a folhear... Interrompe, comovido, e balbucia — Oh, Henrique! Eu não mereço... Qual filho, afagando o pai velhinho, H. M. aperta-o contra o peito, beija-lhe os cabelos brancos e, na sala, ecoou o silêncio sagrado de um amor agrdecido...

Um admirador

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. ☐

PÃO DE VIDA

Pai Américo em férias

NA investigação devotada do percurso biográfico do Padre Américo, como as cerejas, encontram-se muitas facetas que podem contribuir para esboçar um retrato de corpo inteiro. O tema *férias* também tem o seu lugar no itinerário de vida neste mundo, exemplar, mas interrompido aos 68 anos. Está comprovado que Américo Monteiro de Aguiar foi um trabalhador empenhado e honrado no Porto e em Moçambique. Enquanto adolescente ia à Casa do Bairro (Galegos) e à Casa de Antelagar (Paço de Sousa). Como exemplo do seu descanso merecido, durante a sua actividade laboral na costa oriental de África, é muito conhecida a sua viagem para Portugal em gozo de férias, em 1912, tendo embarcado na Beira a 7 de Abril, via canal de Suez; e na qual o vapor da viagem apanhou um S.O.S., do pacote de luxo Titanic. Depois, como sacerdote, cansado de tantos trabalhos na ajuda e promoção dos pobres, quando era possível, parava alguns dias, nomeadamente em terras do Vale do Sousa, das suas raízes familiares, no Gerez e também aceitava ficar em casas de amigos. Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, as casas da *mata* e do *bairro* foram sítios de descanso. Enquanto seminarista de Coimbra, participou em Colónias de Férias (v.g., Buarcos, 1927). Foi pioneiro e responsável por Colónias de Férias de campo para Rapazes pobres (S. Pedro

de Alva, Vila Nova do Ceira, Miranda do Corvo). E sonhou Lares de Férias para cada Casa da Obra da Rua.

Neste Verão extremamente seco e flagelado por incêndios pavorosos, como na Serra da Estrela, no encalço de páginas desconhecidas sobre esta pers-

pectiva, entre outros, encontramos um belo naco de prosa, sobre uma viagem à *cidade invicta* com companheiros de sacerdócio. A propósito, em Agosto, fizemos uma pequena paragem nos belos jardins do sítio do antigo *Palácio de Cristal*, no Porto. Foi a esse lugar que Padre Américo rumou, de comboio, partindo de Coimbra, no estio de 1934, para ver uma *Exposição Colonial* e certamente recordar os seus 16 anos

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

DIVERSIDADE DE VOCAÇÕES, UNIDADE NA ACÇÃO: SERVIR O PRÓXIMO — As Conferências Vicentinas da nossa zona estão a organizar para o próximo mês de Outubro uma versão alargada do seu plenário (quase) mensal. O alargamento significa que serão convidadas para esse plenário pessoas que fazem parte doutras organizações paroquiais (catequese, grupos de jovens, grupos corais, ministros da comunhão, etc.) e outras pessoas que queiram saber mais sobre a acção vicentina.

Um propósito deste encontro é dar a conhecer melhor a essas pessoas o que é o movimento vicentino a nível local, regional, nacional e internacional. Neste objectivo também se enquadra contribuir para uma melhor compreensão do que é a acção vicentina, muitas vezes vista como sendo, essencialmente, distribuir os donativos que se consegue angariar a quem precisa de ajuda material.

Outro propósito deste encontro é contribuir para que, cada um, no grupo da paróquia a que pertence, ou sem pertencer a grupo nenhum, possa ter a “inquietação vicentina” de estar atento às necessidades do próximo que precisa de ajuda, sendo, assim, um colaborador da Conferência, mesmo que não faça parte dela formalmente.

Por fim, um outro objectivo deste encontro é o de, através deste melhor conhecimento mútuo e maior coordenação na acção entre os vários grupos paroquiais, conseguir atrair mais membros para as conferências vicentinas. Se estas se fecharem sobre si próprias, tenderão a envelhecer e, mesmo, a morrer.

Mesmo que cada conferência da nossa zona só consiga levar a este encontro mais uma pessoa que não faz parte formalmente da conferência já terá valido a pena.

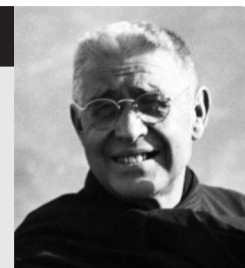
Os nossos contactos (*só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal*)

Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa
Telem. 965464058 • E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 (*só para donativos para a Conferência e não para a Casa do Gaiato*).

Américo Mendes

DOUTRINA



Educar pela confiança

Tem acontecido mandar rapazes dos nossos receber esmolas ou subsídios que generosa e gostosamente nos querem oferecer, alguns de somas consideráveis.

Mandamos o rapaz à nossa escolha e volta com a notícia do grande espanto que se fez: «Então és tu que vens?!» Outras vezes não trazem nada: «Vai que eu mando depois». É muito de agradecer a cautela com que se guardam os interesses da Casa do Gaiato. Por aqui mesmo se nota que todos lhe querem chamar e fazer sua. Vigiam a segurança das suas próprias ofertas: «Vai-te embora que eu mando depois». É muito de agradecer. Porém, nós estamos a fazer uma Obra de assistência pela educação. Dar de comer não basta. Educar escorraçados é chamar por eles. É tomá-los e aceitá-los por nossos. Dar-lhes a nossa alma para conquistar a deles.

Um acto de desconfiança é lembrar ao rapaz o que ele foi; atribuir-lhe culpas que jamais teve; destruir a esperança, o brio, a vontade de ser um homem — coisas estas que ele não merece. Antes de o julgar por «rapaz da rua», convém indagar porque é que o foi. Se o processo for bem instruído, outros terão de responder que não ele.

Peço a todos os amigos da Obra da Rua que entreguem aos nossos rapazes tudo quanto a nós se destina; e, destarte, juntem o concurso espiritual ao auxílio material.

Que eles sejam os alegres mensageiros da tua confiança, mais do que simples portadores da oferta.

A possível infidelidade de um, não tem força para destruir o nosso propósito: Educar pela confiança.

A alegria do «Rio Tinto» quando, há tempos, o mandei a uma cidade receber dez contos! Trazia as notas muito embrulhadas, muito recatadas: «Aqui está!»

Vi, em Lisboa, a carta para a sua mãe, de um dos nossos que foi das ruas e hoje é empregado no Porto. Contava-lhe de como vai receber contos: «Trago sempre o dinheiro muito apertadinho na mão, pro não perder. O cuidado, o zelo, o interesse, a responsabilidade — o homem.

Tudo valores perdidos por um acto de desconfiança! «O quê? És tu que vens buscar? !» É, sim senhor. Vai buscar com nossa licença para não roubar sem ela. Gosto de tomar riscos e responder por eles. Até à data, encontrei três infiéis. Dá a média exacta de um por cento. Vale a pena continuar. A Obra da Rua que nascera com luz mortiça, é hoje farol.

Trata-se de uma Obra humana à feição das almas; uma aplicação do Evangelho sem cerimónias.

Eu sou testemunha de vista e de ouvido, todos os dias, do desabrochar destes rapazes para a vida. Eles, por sua vez, dão testemunho ao mundo de como desabrocham.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1986, pgs 123-124.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

mas futuros de ordem social para todos nós. Sabemos que é anti-natural, isto é, contra a natureza humana que as habitações já de si reduzidas em compartimentos, possam acolher mais do que uma família.

É bem ilustrativa a comparação de Padre Américo da casa de família com a concha do crustáceo. Assim como aqueles moluscos, não podem viver sem concha, assim as pessoas não podem viver em família, sem uma casa para cada uma.

A vida obriga-nos a respeitar a vida animal, botânica, marítima e todas as outras, assim também para termos homens e mulheres equilibrados, é necessário em primeiro lugar atenção à família, mais do que à saúde.

É claro e sabido que as pessoas sem família, normalmente não resultam em homens ou mulheres capazes.

Se as cadeias estão à pinha, alguma razão há. Faltou-lhes o apoio, a formação da pessoa.

Se há tanta gente sem família, sem abrigo e sem nível humano, a causa está na maioria das vezes na falta da concha: uma casa para viver dignamente.

No Verão, todos sentimos a tragédia dos fogos e fazem-se planos sempre mais bem elaborados, criam-se melhores meios para combater e diminuir os fogos; senão ardemos todos.

Com a pobreza extrema, não sentimos o mesmo susto, nem o mesmo aperto, houve dinheiro para auto-estradas, aeroportos, portos, cidades de futebol, pistas para corridas de automóveis, reconstrução de museus, etc... e não há dinheiro nem vontade para resolver o problema da habitação dos pobres?

Estamos à espera que a iniciativa privada se ponha em campo, mas como? Se os materiais e a mão de obra são cada vez mais caros e os impostos sobre a construção não diminuem, como será possível?

Pai Américo como um ho-

mem justo, gritou quanto pôde, **pela Justiça** — “*que se faça justiça ao pobre!*” Se as estruturas do Estado têm capacidade para tantas iniciativas muito menos urgentes, não só em cada diocese, mas também em cada concelho ou paróquia, se deve levantar este clamor.

Se como dizia o fundador da Obra da Rua, cada paróquia deve cuidar dos seus pobres, também cada paróquia deve gritar pelos seus pobres e **ber-rar por justiça**.

Esta virtude é a base do Evangelho e este clamor deve ser a aflição do bispo, do pároco e de todos os cristãos. Precisa de ser tão alto e tão afliativo como um fogo para que toda a gente acorde e se crie o ambiente capaz de socorrer os mais desgraçados.

Eu penso que se as pessoas de bem, saboreassem um pouco da minha aflição e corresponderdessem com o que podem, dando o que poupam, afligindo as autarquias e estas os governos, e se cada caso fosse estudado em particular e resolvidas as causas da miséria,

com determinação e autoridade fraterna, não teríamos chegado a casos tão extremos.

Nos meios pequenos, ainda é viva e alimentada a proximidade das pessoas e as pequenas aflições vão-se resolvendo; agora nos grandes centros populacionais aparecem tragédias humanas nunca imaginadas.

Venham a Caritas, as Comissões Justiça e Paz, venha toda a Igreja viva, como povo de Deus que grita a favor do pobre.

O Património é alimentado por um pequeno grupo de cristãos, alguns muito sacrificados e é o que tem valido

aos casos mais extremos. Não é possível levar-se a vida com o ordenado mínimo. Com dois, esta é apertada, quanto mais só com um!

Os pobres precisam de comer, de pagar a casa e as despesas mínimas de todas as famílias, como a luz, o gás, a água, a farmácia, etc.

Guarda bom amigo, no teu coração, este grito. Ele não te deixará ir para vaidades do mundo, para apego ao dinheiro nem para passeios e peregrinações terrenas. Tu és pobre e a tua vida é dos pobres. Ama-os!

Padre Acílio



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 11250

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt

www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5

NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

africanos. Valeu bem a pena transcrever (respeitando a ortografia), do centenário jornal da Diocese de Coimbra, os parágrafos seguintes:

«Uma semana de férias sabe bem a toda a gente e a Sopa tomou-as, em reunião de curso, com início na estação velha em direcção ao norte, ver o esforço e o valor dos portugueses nas galerias do Palácio de Cristal.

O nosso curso é somente de sete, mas apareceram doze! A Sopa não tem fronteiras; todos cabem dentro dela. Veio o Raúl, veio o Manuel d'Anseriz, veio o Cruz Gomes, veio o das Alhadas, e o José Ventura. *Isto é mestifório, não é reunião* diz o Louro! Mas não falava do coração!

Tomou-se assento na carruagem. Na Pampilhosa entram os Padres da Gandra. As perguntas cruzam-se no ar, curiosas e desalinhas, em algazarra de escola num feriado com que se não conta. O povo vai espantado com tanta irreverência! Os quilómetros vão caindo aos nossos pés em ceiras loiras que passam, arrozais extensos, o Vouga plumbeo — Belesa!

Espinho, Granja, Aguda — praias de luxo, onde o Porto elegante digere os seus bens. A seguir, Devezas. Um grande ai de espanto, para os que nunca tinham visto o berço de Portugal.

A Pobreza gloriosa dos Padres do meu curso não lhes dá para viagens, a não ser a que fazem do presbitério para a sua igreja, e nisso vai todo o seu valor e toda a sua grandeza moral. Têm tudo, estes Pobrezinhos: pão, alegria, amor às almas e às suas obras, que são obras de Deus.

Os Padres ricos também se sentam na cadeira de Moisés e dizem... mas não fazem.

*

Lembramos de novo aos nossos queridos leitores a pequenina órfã, de oito anos, que um

operário da Baixa tem em casa por esmola, mas não tem pão que chegue para ela.

Um cantinho no vosso coração!» [«Sopa dos Pobres», in *Correio de Coimbra*, Ano XIII, N.º 637, 8 de Setembro de 1934, p.2].

*

Depois destas linhas de viagem e que também servem de meditação, seguem-se breves notas acessórias. De notar que Padre Américo como sujeito pôs ênfase numa obra que servia os Pobres, desde 1932 — a *Sopa dos Pobres*. A Baixa onde padecia a órfã refere-se à de Coimbra. O edifício do *Palácio de Cristal* foi concebido para a

Montemor-o-Velho e Figueira da Foz. A *Estação das Devezas* é a *Estação Ferroviária de Gaia*, inaugurada em 1863.

Sobre a *Exposição Colonial Portuguesa*, o então Cónego Manuel Trindade Salgueiro escreveu um artigo de fundo no semanário diocesano de Coimbra, de que recortamos o princípio: «A cidade invicta 'donde teve origem — como é fama — o nome eterno de Portugal', tem vivido horas de vida intensa, em virtude da primeira Exposição colonial portuguesa, realizada dentro dos seus muros. [...]» [*Correio de Coimbra*, Ano XIII, N.º 634, 18 de Agosto de 1934, p.1].



O Calvário é sempre lindo

Exposição Internacional do Porto, sendo inaugurado em 1865 e existiu no antigo campo da Torre da Marca, em Massarelos — Porto; porém, foi destruído em 1951 para *Pavilhão dos Desportos*. A mostra visitada foi a *Exposição Colonial Portuguesa*, inaugurada em Junho de 1934. A *Estação velha*, inicialmente com o nome de *Coimbra*, foi inaugurada em 1864 e é a actual *Estação de Coimbra-B*. A *Estação da Pampilhosa* referida é na Pampilhosa do Botão, no concelho da Mealhada, sendo um centro ferroviário. O território da Gândara integra o concelho de Mira e franjas dos concelhos de Vagos, Cantanhede,

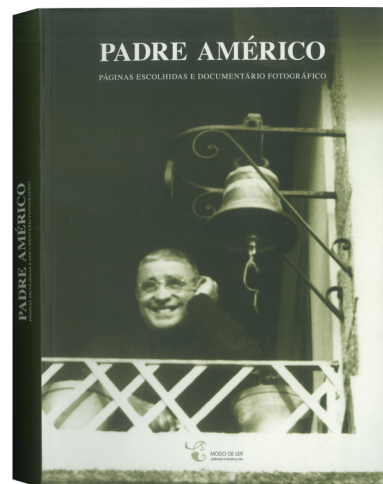
Neste âmbito, sobre o texto supra, é esclarecido o seguinte: o *Raúl* é Raúl Duarte Mira, do Luso; o *Manuel d'Anseriz* é Manuel Peixoto, de Anceriz (Arganil); o *Cruz Gomes* é António Antunes da Cruz Gomes, de Folques (Arganil); e o *José Ventura* é o José Monteiro Ventura, de Folques. Nas listas de muitos alunos dos Seminários de Coimbra, ainda não descortinámos: o *das Alhadas* (Figueira da Foz) e o *Louro*... Quanto aos colegas de curso [ou cursos] do Padre Américo, é matéria interessante para dar notícias, se Deus quiser.

Padre Manuel Mendes

LIVROS

Estas palavras destinam-se em especial àqueles que nasceram depois de 1956 e que podem, porventura, conhecer vagamente a figura e a obra do Padre Américo, ou, o que é pior, ter dela a imagem desvirtuada que alguns hoje ousam traçar. E isto, não obstante a existência de biografias e mesmo teses de doutoramento que entretanto se têm publicado.

Que a sua acção causasse estranheza no tempo em que ela principiou a fazer-se sentir não seria motivo de espanto. Fazer o elogio da educação por meio do trabalho numa sociedade que genericamente tinha (e tem) por ideal o lazer, era uma atitude difícil de aceitar. O próprio tinha disso noção clara quando escrevia, por exemplo “Tem-se escutado aos ignorantes um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: ‘Fulano diz ser muito amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar.’



[...] Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho e, uma vez assim afeiçoados, eles mesmos, por suas próprias mãos, tomam-no alegremente de sol a sol. Pode ser que mais tarde eles venham a conhecer as oito horas de trabalho. Hoje, aqui em casa, co-

nhecem e praticam horários mais altos.”

Essencial era também a noção de responsabilidade, a participação em vez de obediência cega e observância de normas rígidas: “Desejamos dar à Casa do Gaiato a feição de casa deles, para eles, governada por eles. É uma concepção de assistência inteiramente nova e altamente revolucionária, que foge à rotina clássica dos agentes de vigilância, nas congêneres obras sociais [...] Não queremos diminuir a sua personalidade, mas sim valorizar.”

E, como referência doutrinal, uma única: “Nós não temos um sistema. O nosso compêndio é o Evangelho.”

As citações deste género poderiam multiplicar-se. O leitor encontrará estas e outras ao longo das páginas desta antologia. — Da Breve Apresentação de Maria Helena da Rocha Pereira.

Os pedidos podem ser feitos à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, através do telefone 255752285, por e-mail: geral@obradarua.pt, por carta ou no site: www.obradarua.pt

CALVÁRIO

A palavra de YHWH foi-me dirigida nestes termos. “Filho do homem, tu habitas no meio de uma casa de rebeldes, que têm olhos para ver, mas não vêem; têm ouvidos para ouvir, mas não ouvem. Com efeito, são uma casa de rebeldes. Pois bem, tu, filho do homem, arruma a tua bagagem de exilado e em pleno dia, sob os seus olhares, parte para o exílio, parte, sob os seus olhares, de um lugar para outro. Talvez desse modo percebam que são uma casa de rebeldes. Arrumarás a tua bagagem como a bagagem de um exilado, em pleno dia, sob os seus olhares, e ao anoitecer sairás, sob os seus olhares como os que saem para o exílio. Ainda, sob os seus olhares, abrirás um buraco no muro e sairás por ele. Sob os seus olhares, porás tua carga sobre os ombros e sairás quando já estiver escuro, cobrindo o rosto para não veres a terra, porque te ponho como sinal para a casa de Israel.

Ezequiel 12, 1-6

HÁ tempos visitou-nos no Calvário o Padre Eduardo, missionário espanhol em Cabo Delegado. Fui eu e o Padre Telmo buscá-lo à Estação de Campanhã, almoçamos juntos. Tinha vindo a Lisboa, a convite de uma ONG, falar da experiência missionária em tempos de perseguição e violência contra minorias no Norte de Moçambique e deu um pulo ao Norte para visitar o amigo transmontano e malanjino. O Padre Eduardo é padre operário e trabalhou com a Casa do Gaiato, quando era director espiritual no Seminário Maior de Malanje.

Este tempo de caos — guerras, fome, alterações climáticas, corrupção, violência doméstica que atinge as crianças, abusos de poder, tráficos de estupefacientes e pessoas — exige novos profetas. Ezequiel fugiu de Jerusalém, cidade sitiada. Fugiu como sinal para que todos lessem a realidade que estavam a viver e não queriam ver, a ascensão do im-

pério Babilónico e o desastre de alianças políticas, que não tivessem em conta a Aliança com Deus! Bonhoeffer resistiu na prisão de Flossenbürg ao império Nazi, que o perseguiu, impediu de ensinar e finalmente o enforcou. Mas não silenciou.

O profetismo implica sempre uma de duas opções: ou exílio ou resistência perante os que decidem sobre a vida dos outros, muitas vezes não respeitando os dinamismos da realidade humana, como a justiça, a dignidade pessoal e a participação efectiva nas decisões.

Em Moçambique os grupos armados aterrorizam as populações que se põem em fuga de terras que habitam desde tempos ancestrais, só porque esta economia, que efectivamente mata, como diz o Papa Francisco, lhes quer tomar conta dos recursos naturais, esquecendo o direito individual e internacional dos povos à autodeterminação e legítima sustentabilidade.

Entre nós as opiniões pública e privada põem em causa o trabalho de tantos que procuram servir as instituições eclesiais e sociais. Há projectos egoístas que não contam com todos para a sua elaboração e execução e as causas dessa atitude são desastrosas: falta de ânimo, imobilidade, desprezo por quem trabalha, tábua rasa da comunhão e do diálogo.

Padre José Alfredo

SINAIS

O Bento — filho do Tavares, um dos fundadores da Casa do Gaiato de Malanje, falou-me na sua ideia de escrever um livro sobre as senhoras que serviram e servem a Obra da Rua, no seu quotidiano de entrega e doação. Foi uma pancada feliz e consoladora no meu coração.

Bela e oportuna a tua ideia. Avança, tens material no nosso jornal «O Gaiato» de todos os anos. Não demores. Esperamos com ansiedade.

Maravilhosa a doação e a entrega total das nossas senhoras.

Fiquei comovido ao visitar a campa da D. Maria da Luz e recordei o carinho e sua entrega amorosa no Lar de Coimbra.

A D. Sofia, na sua entrega total, em Paço de Sousa, durante toda a vida. Recordo também a D. Sara, sobrinha do Pai Américo. Foram dela os primeiros gestos de ternura para com as crianças. A D. Virgínia, que passou pelas nossas Casas de Portugal e África.

Como eu recordo o carinho e a entrega total de todas elas. Que Jesus lhes dê dois céus. Parabéns.

Padre Telmo